

## O inesquecível “bééé”. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Maria e Raul eram filhos de Sebastião e Veridiana. Eles moravam numa pequena fazenda em Joáima, norte de Minas Gerais. Ainda nos anos de 1950, os pais das crianças resolveram criar dois bodes e elas fizeram a maior festa. Gostaram tanto da ideia que trataram logo de dar nome aos “novos amigos”. Os dois bodes eram irmãos muito parecidos, mas tinham lá suas diferenças. As crianças tanto procuraram que as encontraram.

Escolheram os nomes de “Brinquinho” e “Bretinho”. Os bodes eram pretos, mas o que os diferenciava era uma mancha branca em cada orelha de um deles. Fora isso, tudo igual. Assim, o bode das manchas brancas foi chamado de Brinquinho e o outro, de Bretinho.

Quando não estavam na escola ou ajudando o pai nas tarefas da fazenda, os filhos de Tião passavam horas do dia, brincando com os animais. Muitos conhecidos da família diziam:

- Essas crianças tratam os bodes como se fossem cachorros. Como pode?

Os irmãos ensinavam os bichos a correr e pegar um graveto no chão. Outras vezes, jogavam ao longe os gravetos e eles devolviam com a boca. Era uma farra só verem os quatro brincando juntos.

Quando Maria e Raul iam para a escola, os bodes faziam companhia. Eles se acostumaram tanto com o trajeto, que, ao ver as crianças entrando na sala, davam meia volta e chegavam em casa sozinhos. Até abriam e fechavam a trava da porteira da fazenda. Se fosse hoje, certamente alguém ia dizer:

- Brinquinho e Bretinho só faltavam falar...

Certa vez, Tião e a mulher Veridiana receberam a notícia por carta de que João Coelho, um tio dela muito rico, iria lhes fazer uma visita. O homem era empresário da tecelagem em São Paulo. Nas cartas que escrevia para Veridiana e Tião, ele era enfático:

- Quando eu fô a Minas Gerais, quero um almoço especial. Daqueles com muita fartura! Afinal, tenho que dirigir muito pra chegá ao norte de Minas. - Ele não andava de trem ou ônibus. O negócio do Tio Coelho, como era conhecido, já era carro nos anos de 1950.

Tião e Veridiana eram muito simples, e às vezes a produção da fazenda não dava para o mês todo. Eles tinham bastante terra, porém não conseguiam produzir o necessário. O casal pensava ser “maldição” que havia naquele terreno.

Eles estavam bastante preocupados com a visita do Tio Coelho. O que fazer para agradar aquele homem rico? A visita “ilustre” iria chegar em menos de um mês e não havia muito na despensa. O casal tentou aumentar a horta, mas o tempo não seria suficiente. A seca do inverno também não ajudava muito a colheita na horta. Eles estudaram uma forma de aumentar a produção do leite das 7 vacas. Até que isso ajudou um pouco, mas ainda havia dificuldade.

Os filhos não entendiam bem a situação financeira dos pais, então para eles não fazia diferença. Raul tinha 8 anos e Maria, 1 ano mais nova. O que importava para eles era ajudar na fazenda e brincar. Eles não ligavam muito para a escola.

Finalmente, Tio Coelho chegou a Joáima. Toda a cidade ficou sabendo da visita do tio rico de Veridiana. E a família, naquela simplicidade de sempre, estava alegre, mas preocupada com a visita. Na verdade, Tião quase levou um susto quando o tio de sua mulher chegou com mais quatro parentes. A esposa dele e 3 filhos já grandes.

“E a comida, meu Deus?” – Pensava o homem.

Tião e Veridiana, quanto tempo! É minha mulher, Cacilda e meus filhos, Romualdo, Francisco e Eliseu. Vamos tirar umas férias de uma semana aqui.

A sobrinha de Coelho quase teve um ataque! A preocupação com a comida para uma pessoa e agora eram cinco.

- Então, Tio... Desculpe, mas tamo em dificuldade. A seca tá braba. Não temo muita comida não.

- Preocupa não, minina! Tião me contô que vocês têm uns bode aí... Tem coisa mais boa que buchada de bode? Que matem os dois! Já tá bão!

A sobrinha e Tião arregalaram aqueles olhos... Os bodes dos meninos? Mas como falar não para uma visita tão ilustre?

Uma vaca não tá bão, não? – Perguntou Tião.

- Ô pai, a gente qué prová a buchada de bode da mãe. – Falou Eliseu.

Foram 3 dias de discussão. Não teve conversa, tio Coelho queria realmente a buchada de bode. Veridiana e Tião não tiveram escolha, era preciso matar Brinquinho e Bretinho. E o que falar com as crianças?

O abate seria feito no horário da escola, assim ficou definido. Os pais dariam a desculpa aos filhos, dizendo que os bodes haviam sumido na região e não foram encontrados.

No dia seguinte, como de costume, Maria e Raul foram para a escola e os bodes de companhia. Quando os animais voltaram, tio Coelho e Tião já estavam prontos para o abate.

Os animais perceberam que estavam à beira da morte, mas não havia o que fazer, apenas:

- Bééé, bééé, bééé... – Um grito triste que fez ecoar até na escola das crianças.

Os irmãos pegaram o caderno e o lápis e se mandaram pra casa, pois sabiam que algo grave estava acontecendo com Brinquinho e Bretinho.

Quanto mais corriam, mais alto ouviam os bééé, bééé... Ninguém na região tinha bode, a não ser na fazenda dos pais. Então o problema era bem grave. Chegaram em casa:

- Quê que aconteceu, painho? Ouvimo os bééé, bééé de Brinquinho e Bretinho...

- Mai num era pro cês ouvir... – Respondeu o pai nervoso e com o avental todo sujo de sangue.

- Painho, os grito foro lá na escola. Voltamo correno... – Gritou Maria.

- É a nossa buchada de bode, minina... Preocupa não! – Falou sorridente tio Coelho. – Num tinha cumida aqui, resolvemo com os bode.

Raul e Maria choraram muito. Nem quiseram almoçar naquele dia. Passaram a semana toda com as visitas sem comer nenhum pedaço de carne, mal se alimentavam em casa. Pediam frutas na escola para não passarem fome. Eles ficaram traumatizados, sonhavam com os bodes de estimação, acordavam durante a noite gritando desesperados.

Ao contrário, a família do tio Coelho estava satisfeita, tinha carne à vontade. Era só isso que importava para aquele povo resmungão como dizia Raul.

Os filhos de Tião cresceram traumatizados com o inesquecível “bééé” da morte de Brinquinho e Bretinho...

-

Passaram-se muitos anos e quando Flávia ficou sabendo que a avó, Veridiana, comprou galos e galinhas novas para a fazenda, tratou logo de dar nome a um galinho deferente. Mania de mãe e tio? Com certeza!

E no galinheiro, tinha o galo garnizé. A menina ficou “apaixonada” pela ave pequenina, que chamou de Canídia. Ele já era adulto, porém muito pequeno. Tudo era o galo. Faltava só colocá-lo em uma coleira pra andar com o bichano pra qualquer canto da região.

Um dia, Veridiana e Tião preparavam uma festança para comemorar 40 anos da fazenda. O prato do dia seria galinhada. Ao ficar sabendo da ideia, Maria deu o grito:

- Pelo amor de Deus, mainha, não mate o Canídia, o galo da Flávia. Pegue qualquer outro galo. O Canídia, não! Minha filha até morre por causa daquele bicho.

- Por que, fia?

- Mainha, precisa respondê? Lembra que o tio Coelho matou os bodes meu e do Raul? Eu nunca vou esquecer o bééé do Brinquinho e do Bretinho... Até hoje me dá arrepio ouvir o bééé, bééé de qualquer bode nesse mundo... Aquele foi o bééé mais triste que já ouvi!